



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE À DISTÂNCIA

ALDILENE FARIAS DE SOUZA

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

DUAS ESTRADAS/PB

2016

ALDILENE FARIAS DE SENA

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Mestre Jéssica Lôbo Sobreira.

DUAS ESTRADAS/PB

2016

S474d Sena, Aldilene Farias de.

Dificuldades de aprendizagem na educação infantil / Aldilene Farias de Sena.– Duas Estradas: UFPB, 2016.
52f.

Orientadora: Jessica Lobo Sobreira
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia –
modalidade à distância) – UFPB/CE

1. Educação infantil. 2. Dificuldades de aprendizagem. 3. Inclusão.
I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 373.2(043.2)

ALDILENE FARIAS DE SENA

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 22/11/2016

BANCA EXAMINADORA

Orientadora - Prof^ª. Ms. Jessica Lobo Sobreira
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Profa. Ms. Keliene Christina da Silva
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof. Ms. Wilder Kleber Fernandes de Santana
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Ao meu filho José Augusto...

Por ser um presente de Deus em
minha vida...

... merecidamente dedico!

AGRADECIMENTOS

À Deus,

Pelo maior milagre da natureza – a vida.

A minha mãe Maria do Socorro, ao meu pai José Francisco que faleceu há poucos meses, ao meu amado esposo , Pedro José, aos meus queridos irmãos e irmãs: Adeilde, João, Andréa, Valdeci, Jorsy Klécio, Joel e também ao meu filho, José Augusto, que chegou para alegrar minha vida e aos meus familiares, como um todo,

Pela ajuda, apoio e incentivo recebido.

À Professora Jessica Sobreira,

Pela orientação clara e objetiva que tornou possível a realização desse trabalho.

Aos amigos e amigas,

Pelas palavras de incentivo e momentos descontraídos.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para o meu progresso acadêmico e profissional, AGRADEÇO...

O processo da vida se opera em tentativas sucessivas de libertação. Estamos todos os dias renovando, na criatura que fomos na véspera, a criatura que seremos no amanhã. Mais do que renovando-a: refazendo-a, porque não tornamos a ser jamais o que fomos, salvos apenas de uma velhice posterior, mas construímos de fato uma vida própria, que das outras só guarda a lembrança das experiências e uma certa memória de duração com que vamos acreditando na sua continuidade.

(Cecília Meireles)

RESUMO

O presente trabalho trata sobre as dificuldades de aprendizagem na educação infantil e seu conteúdo apresenta uma análise de como acontece os processos de aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, faz-se também reflexões sobre a necessidade de se prevenir e/ou detectar as dificuldades de aprendizagem na educação infantil como uma forma de agilizar a intervenção adequada a fim de garantir o sucesso escolar dessas crianças. Os objetivos são de caracterizar os fatores que influenciam na aprendizagem dos alunos bem como, ressaltar a importância de uma prática pedagógica comprometida com as exigências de inclusão do contexto atual. O tipo de pesquisa é bibliográfico e de caráter qualitativo. Através desta pesquisa podemos concluir que o diagnóstico das dificuldades de aprendizagem requer uma análise cuidadosa dos fatores internos e externos, procurando compreender de maneira integral os processos cognitivos, emocionais, orgânicos, familiares, sociais e pedagógicos que interferem no processo de aprendizagem das crianças. Também é possível perceber a urgência de se dar uma maior atenção a este tipo de problema enfrentado pelas escolas pois, muitas vezes a evasão e a repetência estão relacionadas a algum tipo de dificuldade de aprendizagem.

Palavras-chave: Dificuldades de Aprendizagem. Inclusão. Educação Infantil.

ABSTRACT

This paper deals with learning difficulties in kindergarten and its contents presented an analysis of how the learning process happens and development of children, he is also thinking about the need to prevent and / or detect learning difficulties in early childhood education as a way to expedite the proper intervention to ensure the academic success of these children. The objectives were to characterize the factors that influence student learning as well as highlight the importance of a pedagogical practice committed to the requirements for inclusion of the current context. The type of literature and research was qualitative. Through this research we can conclude that the diagnosis of learning disabilities requires a careful analysis of internal and external factors, trying to understand holistically the cognitive processes, emotional, physical, family, social and pedagogical practices that interfere with the learning process of children. It was also possible to realize the urgency of giving greater attention to this type of problem faced by schools, because many times the dropout and repetition are related to some type of learning disability.

Keywords: Learning Disabilities. Inclusion. Early Childhood Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.1. Resumo dos Períodos do Desenvolvimento Cognitivo.....	16
Quadro 1.2- Estágios de desenvolvimento da criança abordagem Piagetiana.....	17
Quadro 2.1. Comparativo entre Dificuldades de Aprendizagem primárias e Secundárias.	26
Quadro 2.2- Principais Dificuldades de Aprendizagem.....	29

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – APRENDIZAGEM.....	12
1.1. Origem e Conceito.....	12
1.2. As teorias e o processo de aprendizagem.....	12
1.3. Aprendizagem e desenvolvimento.....	14
1.4. Dificuldades de aprendizagem e inclusão.....	20
CAPÍTULO II – DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	24
2.1. Conceitos.....	24
2.2. Tipos de dificuldades.....	26
2.3. Causas e características.....	28
2.4. Dificuldade de aprendizagem ou normalidade.....	32
2.5. Identificação e prevenção.....	33
2.6. O papel do professor, da escola e da família.....	38
2.7. Trabalho conjunto.....	43
CAPÍTULO III – ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	44
3.1. Tipo de pesquisa.....	44
3.2. Fonte e procedimento para coleta de dados.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	48
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

A aprendizagem é um processo fundamental da vida. É a partir da aprendizagem que desenvolvemos comportamentos que possibilitam a nossa vivência. Através da aprendizagem, as gerações foram capazes de transmitir experiências e descobertas que contribuíram para o crescimento e desenvolvimento das técnicas humanas. Portanto, ela acontece quando o indivíduo adquire conhecimentos e/ou experiências que influenciam diretamente no seu comportamento.

No entanto, muitas pessoas possuem dificuldades na aquisição de conhecimentos, pois apresentam problemas que bloqueiam ou dificultam o processo natural de aprendizagem e isso decorre de inúmeros fatores. De acordo com Freire (1997. P.19) “não existe ensinar sem aprender e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende”.

Alguns alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem quando não detectados e tratados adequadamente, em sua maioria têm grande dificuldade de continuar os estudos.

As leis e as políticas públicas educacionais garantem que todos têm direito a uma educação de qualidade e a discussão sobre a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais têm sido bastante ampla.

Dessa forma, o presente trabalho trata das dificuldades de aprendizagem, especificamente na educação infantil, objetivando caracterizar fatores que influenciam na aprendizagem dos alunos, procurando enfatizar a importância de uma prática pedagógica que atenda a necessidade da criança através de uma observação mais atenta buscando soluções para que haja a inclusão e a aprendizagem desse educando. O tipo de pesquisa é bibliográfico e de caráter qualitativo. Através desta pesquisa podemos concluir que o diagnóstico das dificuldades de aprendizagem requer uma análise cuidadosa dos fatores internos e externos, procurando compreender de maneira integral os processos cognitivos, emocionais, orgânicos, familiares, sociais e pedagógicos que interferem no processo de aprendizagem das crianças. Procurando mostrar a importância de se prevenir e detectar tais dificuldades como uma maneira de garantir o sucesso na vida escolar dessas crianças. Segundo Corso (2008, p. 22) “mais do que detectar as dificuldades de aprendizagem, a educação infantil precisa ter como foco sua prevenção”.

Nessa perspectiva, este trabalho aborda a questão da inclusão de crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem, através de um estudo bibliográfico na área. A

princípio a pesquisa faz referência aos principais autores que tratam do assunto em questão, tais como: Kimble (1969, Silva (1997), Drouet (2002), Jardim (2002), Andrade(2008) e outros. Em seguida analisamos os processos de aprendizagem, os tipos e estágios de desenvolvimento da inteligência como também apresentamos as principais causas e características das dificuldades de aprendizagem. A pesquisa analisa ainda a inclusão dessas crianças, mostrando meios para o desenvolvimento de um trabalho que atenda as necessidades e dificuldades dos educandos.

Esperamos, com esta pesquisa, contribuir para uma atenção maior às crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem na Educação Infantil, visando uma educação que atenda as necessidades, interesses e possibilidades das crianças.

CAPÍTULO I – APRENDIZAGEM

1.1. Origem e conceito

A palavra aprendizagem é derivada do verbo “aprender” e sua origem vem do latim (*apprehendere*, “compreender”). Portanto, por meio da aprendizagem, a humanidade foi se evoluindo, adquirindo conhecimentos e se desenvolvendo.

Nos últimos anos é vasta a literatura e as discussões a respeito da aprendizagem, apresentando muitas vezes conceitos vagos e até contraditórios, dado ao tema ser bastante complexo e abrangente.

Segundo Silva (1997, p.25) “podemos definir aprendizagem, como uma gama de conhecimentos e/ou experiências adquiridas pelo indivíduo, e que podem ou não ser comportamentalizadas pelo mesmo”. Kimble (1969) nos diz que a aprendizagem é uma “mudança mais ou menos permanente de comportamento que se produz como resultante da prática”.

A aprendizagem promove uma modificação no comportamento das pessoas. De acordo como Drouet (2002, p. 08) “a aprendizagem é gradual, isto é, vamos aprendendo pouco a pouco, durante toda nossa vida”. Sendo assim, ela é um processo contínuo, pois estamos permanentemente em estado de aprendizagem.

1.2. As teorias e os processos de aprendizagem

São vários os teóricos que estudaram como se dá a aprendizagem. Andrade (2008, p.03) afirma que “para se falar em aprendizagem, é necessário fazer referência à inteligência e a memória, pois ambos são suporte da aprendizagem” e apresenta interpretações de alguns autores sobre a inteligência: “Spearman considera a existência de um fator geral; Thurstone defende a existência de conjuntos de fatores específicos; Guilford postula a existência de uma multiplicidade de fatores, sem um fator dominante (...) Binet foi um dos primeiros autores a estudar e tentar medir a inteligência e, depois deste, muitos outros os seguiram. Piaget diz-nos que a inteligência é essencialmente uma capacidade de adaptação à realidade interna e externa. Neisser defende que não existe um protótipo de pessoa inteligente, não sendo por isso possível uma definição rigorosa do conceito. Sternberg um dos maiores estudiosos atuais da inteligência, diz-nos que é um conceito vago e difícil de definir”.

No que diz respeito a memória (o esquecimento) suas teorias são muitas “ mas estas deverão convergir para um compreensão global, visto estarem relacionadas com o estudo de diferentes tarefas de memórias. Os autores que seguem uma visão mais holística postulam que fatores afetivos e motivacionais interferem no funcionamento da memória” (ANDRADE, op.cit).

A Psicologia da aprendizagem baseia-se nas teorias que procuram explicar como a aprendizagem acontece. Celestino (2008, p. 11 á 13) apresenta as seguintes teorias de aprendizagem:

_ TEORIA BEHAVIORISTA – Baseia-se nos comportamentos observáveis e mensuráveis do sujeito e nas respostas que ele dá aos estímulos externos. E também pela consequência após a emissão das respostas.

_ TEORIA COGNITIVISTA - Esta, por sua vez, enfatiza aquilo que é ignorado pela visão behaviorista: a cognição, o ato de conhecer como o ser humano concebe o mundo. O cognitivismo considera o indivíduo um ser ativo em que no processo de aprendizagem considera a estrutura cognitiva como sendo a organização e integração de conteúdos de suas ideias em uma área particular de conhecimentos que vai resultar em aprendizagem.

_ TEORIA HUMANISTA – A filosofia humanista vê o que se aprende, primordialmente como pessoa, o importante é a auto realização da pessoa, seu crescimento pessoal. O aprender é visto como um todo – Sentimento, pensamentos e ações - não só o intelecto.

_ TEORIA CONSTRUTIVISTA – A filosofia do construtivismo acredita que o aprendiz filtra e transforma a nova informação, infere hipótese e toma decisões utilizando uma estrutura cognitiva. Essa estrutura cognitiva – esquemas e modelos mentais – fornece significado e organização para as novas experiências, permitindo ao aprendiz enriquecer seu conhecimento além do conceito estudado, através do relacionamento das novas informações com seus conhecimentos prévios.

Dentre os principais trabalhos sobre aprendizagem destacamos a abordagem construtivista de Jean Piaget, a abordagem sócio-construtivista do Desenvolvimento Cognitivo de Lev Vigostsky e as contribuições da psicogenética de Henri Wallon. Destacamos também outras correntes teóricas sobre a aprendizagem como Paulo Freire que desenvolveu uma pedagogia problematizadora e transformadora e Howard Gardner que defende a existência das inteligências múltiplas que são: a lógica matemática, a linguística, a espacial, a musical, a corporal-sinestésica a interpessoal e a intrapessoal.

1.3 Aprendizagem e desenvolvimento

Atualmente, muito se tem ouvido falar, principalmente no campo da educação, sobre o desenvolvimento humano. Tal conhecimento tem dado grandes contribuições para uma melhor compreensão de como se dá a aprendizagem respeitando as diferenças individuais e as várias faixas etárias. Segundo Silveira e Dourad):

A investigação sobre o desenvolvimento humano iniciou-se pelo estudo da infância. Estimulados pelas ideias de Darwin (1809 – 1882) sobre a evolução das espécies e do comportamento, os pensadores passaram a ver a criança como uma fonte rica de informação potencial sobre a natureza humana. (1999, p.07)

Portanto, após diversos estudos podemos obter mais informações sobre as várias etapas do desenvolvimento humano. No entanto, “até o século XVII predominava o conceito da criança como um adulto em miniatura, ou seja, acreditava-se que o raciocínio, os sentimentos e as ações infantis possuíam os mesmos elementos básicos daqueles adultos”. (SILVEIRA e DOURADO op.cit)

Entre os precursores teóricos do desenvolvimento cognitivo destacamos o trabalho de:

1 – Sigmund Freud - Considerado o fundador da psicanálise. De acordo com a teoria de Freud, “a personalidade é o padrão de pensamento, emoções e habilidades intelectuais que torna uma pessoa única” e acreditava que o ser humano possui uma força instintiva de energia, o libido, o qual segundo o sistema freudiano está presente desde a primeira infância e motiva toda ação (SILVEIRA e DOURADO, 1999, p. 30).

Freud dividia a personalidade do ser humano em três estruturas: o id (constitui de atividades instintivas produzidas pelo princípio do prazer), o ego (possui seus próprios instintos cujo objetivo é a conservação cotidiana do corpo) e a terceira estrutura da personalidade, o superego (este é o centro da consciência individual, bem como um modelo daquilo que as pessoas devem ser) (OPI.CIT., p.32).

O sistema freudiano apresenta ainda uma explicação psicosssexual ao desenvolvimento humano. “Em 1905, em seu livro, três ensaios sobre a sexualidade Freud descreveu a sequência típica das manifestações de impulso sexual, distinguindo cinco fases: oral, anal, fálica, latência e fase adulta, também chamada de genital” (CELESTINO, 2002, p.02). A autora apresenta as seguintes características de cada fase:

- Fase Oral (de 0 a 18 meses) – Nesse período durante o primeiro ano de vida aproximadamente, os lábios, a boca e a língua são os principais órgãos de prazer e satisfação da criança. Se as necessidades forem satisfeitas, a pessoa crescerá psicologicamente saudável; se não forem seu ego será imperfeito.

- Fase Anal (de 18 meses a 03 anos) – Époça em que a criança está sendo ensinada a controlar as fezes e a urina, sua atenção se focaliza no funcionamento anal e esta região torna-se o centro das experiências, frustradas ou compensadoras, dependendo da atenção dada.
- Fase Fálica (de 03 a 07 anos) – O papel sexual principal começa a ser assumido pelos órgãos genitais e, em regra, é por eles mantido até a fase adulta. Neste período, merecem menção algumas manifestações de impulso sexual. Uma delas é o interesse pelas diferenças anatômicas entre os sexos. Também é neste período que cada indivíduo assume sua identidade sexual para o resto da vida. Ainda nesta fase há o desenvolvimento da consciência moral e do superego.
- Fase de Latência (de 07 a 12 anos) – Nesta fase a criança estará voltada para a aquisição de habilidades, valores e papéis culturalmente aceitos. Ela é chamada de latência porque os impulsos são impedidos de se manifestar.
- Fase Genital (idade adulta) – É a fase dos interesses heterossexuais. Nesta fase também os mecanismos de defesa começam a entrar em choque: id, ego e superego.

2 – Jean Piaget – O qual acredita que a criança se desenvolve na relação com o meio, construindo e reconstruindo sua hipóteses sobre o mundo que a cerca.

Piaget acredita que o processo de desenvolvimento é influenciado por fatores como:

- Maturação (crescimento biológico dos órgãos);
- Exercitação (funcionamento dos esquemas e órgãos que implica na formação de hábitos);
- Aprendizagem social (aquisição de valores, linguagem, costumes e padrões culturais e sociais);
- Equilibração (processo de auto regulação interna do organismo, que se constitui na busca sucessiva de reequilíbrio após cada desequilíbrio sofrido).

Piaget apresenta também quatro períodos de desenvolvimentos, os quais estão resumidos na tabela 1.

Quadro 1.1 - Resumo dos Períodos do Desenvolvimento Cognitivo

PERÍODO	CARACTERÍSTICAS DO PERÍODO	PRINCIPAL MUDANÇA DO PERÍODO
Sensório – motor (0 - 2 anos) Estágio (0 - 1 mês)	Somente atividade reflexa; não faz diferenciação.	O desenvolvimento ocorre a partir da atividade reflexa para representação e soluções sensório-motoras

Estágio 2 (1 – 4 meses)	Coordenação mão-boca; diferenciação via reflexo de sucção.	
Estágio 3 (4 – 8 meses)	Coordenação mãos-olhos; repete acontecimentos pouco comuns.	
Estágio 4 (8 – 12 meses)	Coordenação de dois esquemas; atinge a permanência dos objetos.	
Estágio 5 (12 – 18 meses)	Novos meios através de experimentação – regue deslocamentos sequencias.	
Estágio 6 (18 – 24 meses)	Representação interna; novos meios através de combinações mentais.	
Pré – Operacional (2 – 7 anos) Estágio Egocêntrico (2 – 4 anos)	Problemas solucionados através da representação – desenvolvimento da linguagem (2-4 anos); tanto o pensamento quanto a linguagem são egocêntricos.	O desenvolvimento ocorre a partir da representação sensório – motora para as soluções de problemas e o pensamento pré – lógico.
Estágio Intuitivo (5 – 7 anos)	Não consegue resolver problemas de conservação; os julgamentos são baseados na percepção e não na lógica.	
Estágio Concreto (7 – 11 anos)	Atinge a fase da reversibilidade; consegue solucionar os problemas de conservação – operações lógicas desenvolvidas e aplicadas a problemas concretos não consegue solucionar problemas verbais complexos.	O desenvolvimento ocorre a partir de pensamento pré – lógico para soluções lógicas de problemas concretos.
Operações Formais (11 – 15 anos)	Soluciona com lógica todos os tipos de problemas – pensa cientificamente; soluciona problemas verbais complexos; as estruturas cognitivas amadurecem.	O desenvolvimento ocorre a partir de soluções lógicas de todas as classes de problemas.

Fonte: Adaptado de B. Wadsworth, Piaget's Theory of Development (Nova York: David Mckay, 1971) apud Silveira e Dourado, (1999.p.18).

As autoras supracitados (1999, p.26 a 30) apresentam ainda uma síntese dos estágios de desenvolvimento baseado em Oliveira Lima. A. F. Pré – escola e alfabetização – Uma proposta baseada em Paulo Freire e Piaget (1986).

Quadro 1.2-Estágios de desenvolvimento da criança abordagem Piagetiana

ESTÁGIOS	CARACTERÍSTICAS DOS ESTÁGIOS	PRINCÍPIO DIDÁTICO:
1. Estágio Sensório Motor (zero a dois anos)	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Ausência da função semiótica. ➤ Ação direta sobre os objetos. ➤ Inteligência trabalhada com as percepções (sensório) ação (motor). ➤ Assimilação acontece a partir da ação da criança sobre o meio. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Permissividade para a ação. Nível de linguagem: ➤ Monólogo. Nível de organização socialização: ➤ Individual. Nível de representação gráfica: ➤ Rabiscção – risca o papel apenas por exercício. Nível de representação corporal: ➤ Imitação com modelo – não tendo a representação mental, necessita da presença do objeto similar.
2. Estágio simbólico (dois a quatro anos)	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Aparecimento da função semiótica. Torna-se capaz de evocar mentalmente os objetos. ➤ Idade da fantasia, do “faz de conta”. ➤ Egocentrismo. ➤ Brinca e conversa sozinha. ➤ Assimilação a nível simbólico ➤ Animista com relação aos objetos (atribuir-lhes vida). 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Lúdico. ➤ Imitações sem modelo, dramatizações, desenhos, pinturas, histórias, o “faz de conta”, a linguagem. Nível de linguagem: ➤ Monólogo coletivo. Nível de organização socialização: ➤ Pares móveis. Não compreendem regras sociais e os conflitos são frequentes. Nível de representação gráfica: ➤ Não conseguem colocar todos os elementos de um desenho na totalidade do conjunto. Nível de representação corporal: ➤ Imitação sem modelo – com a aquisição da função semiótica (representação mental dos objetos) a criança é capaz de imitar

		sem modelos.
3. Estágio intuitivo (quatro a seis anos)	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Interesse pelas causas dos fenômenos. ➤ Idade dos porquês. ➤ Artificialismo – tudo que existe no mundo é feito pelo homem. ➤ Distingue a fantasia da realidade. ➤ Extremamente centrada em seu próprio ponto de vista. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Trabalho com jogos e brincadeiras que envolvam algumas regras. ➤ Explorar dramatizações, recontar histórias, descrever cenas, etc. Nível de linguagem: ➤ Informação adaptada. Nível de organização socialização: ➤ Pares fixos. Empréstam seus brinquedos, já sabem o que é seu e o que é do outro. Nível de representação gráfica: ➤ Organiza elementos em sua totalidade. Enriquece consideravelmente seu desenho em detalhes. ➤ Presença de transparências. Nível de representação corporal: ➤ Capacidade de reproduzir situações vividas. ➤ Transforma através da fantasia o mundo para satisfazer seus desejos.
4. Estágio operatório concreto (seis/sete a dez/onze anos)	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Supera a centração em um único ponto de vista, é capaz de ver uma situação por diferentes ângulos. ➤ Organiza o mundo de forma lógica; é capaz de ordenar elementos de acordo com suas características usando critérios de conjuntos. ➤ Capaz de concentrar-se por longos períodos e de executar tarefas que envolvam sequências e regras. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Realização de experiências de resultados imediatos ou a longo prazo. ➤ Jogos mais complexos como xadrez, futebol e etc. Nível de linguagem: ➤ Diálogo. Mantém diálogo, mas não é capaz de discutir diferentes pontos de vista. Nível de organização socialização: ➤ Bandos. Nível de representação gráfica: ➤ Realismo visual. Ausência de transparências. ➤ Representação da profundidade. Nível de representação corporal: ➤ Dramatização: reproduz textos e representa-os a

		partir de situações vividas. ➤ Criam histórias com enredo.
5. Estágio operatório formal (onze/doze a quinze/dezesseis anos)	<ul style="list-style-type: none"> ➤ A criança liberta-se inteiramente do objeto. ➤ Liberta-se do concreto. ➤ Pensamento hipotético - dedutivo. ➤ Interesse pelas transformações sociais. ➤ Mantém diálogos ➤ Cooperação. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Discussão. Discute um tema, considera os pontos de vista e chega a conclusões. Nível de organização socialização: ➤ Grupo. Leis discutíveis e transformáveis. Moral de cooperação. Nível de representação gráfica: ➤ Técnicas de desenhos, proporções, profundidade perspectivas. Nível de representação corporal: ➤ Teatro. Caracterização de vozes, personagens, cenários, fantasias, iluminação etc.

3. Vigotsky - Destaca as contribuições da cultura, da interação social e a dimensão histórica do desenvolvimento mental, construiu a corrente sociointeracionista. “Vigotsky chamou de zona de desenvolvimento proximal, a distância entre aquilo que a criança sabe fazer sozinha (o desenvolvimento real) e o que é capaz de realizar com a ajuda de alguém mais experiente (o desenvolvimento potencial).

1.4. Dificuldades de Aprendizagem e Inclusão

A escola historicamente se caracterizou pela ação de políticas e práticas educacionais que delimitam a escolarização como privilégio de um grupo, legitimando assim a exclusão. Logo, alunos que apresentavam características intelectuais, culturais, sociais, física, entre outras diferentes da estrutura do modelo tradicional da educação escolar não conseguiam êxito.

Atualmente, são várias as discussões no sentido de que a educação escolar se torne acessível a todos. Portanto, algumas modificações já podem ser vistas a fim de proporcionar a igualdade de oportunidades.

A política de Educação Inclusiva no Brasil é baseada na Constituição Federal de 1998 que no art. 30, inciso IV traz como objetivo “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”. No artigo 205, afirma a educação como um direito de todos, garantindo o pleno desenvolvimento da pessoa no exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho. E no artigo 202, inciso I define que “a igualdade de condições de acesso e permanência na escola” como um dos princípios para o ensino e acrescenta no artigo 208, que é dever do estado, oferecer atendimento educacional especializado preferencialmente na rede regular de ensino. (Revista da Educação Especial, MEC Jan/Jun 2008).

A atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96, enfatiza que os sistemas de ensino assegurarão aos alunos currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica para atender as suas necessidades; garante a terminalidade específica aqueles que não atingiram o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências e assegura a aceleração para concluir em menos tempo o programa escolar para os superdotados; preconiza a oferta de professores especializados para o atendimento especial e professores capacitados para inclusão desses educandos na rede regular de ensino; assegura o atendimento da educação especial para o trabalho além de garantir os acessos igualitários aos benefícios dos programas suplementares disponíveis para o respectivo nível de ensino regular (art. 59).

No entanto, se existem tantas leis, documentos, declarações, artigos, etc., que garantem a educação de todos, por que tantos alunos não conseguem aprender? Muitos têm seu histórico escolar marcado pela repetência e pela evasão e ficaram a margem da sociedade por não conseguirem a aprendizagem escolar necessária para agirem como cidadãos. Segundo alguns estudiosos, existe um grande número de pessoas que apresentam dificuldades de aprendizagem ou limitações intelectuais e quando não ajudados e tratados adequadamente não conseguem progredir nos estudos.

A compreensão, as causas e consequências das dificuldades de aprendizagem são bastante complexas. Sobre este assunto, Jardim (2001, p. 17) afirma que “historicamente o problema se equaciona paralelamente ao desenvolvimento das sociedades” e apresenta os seguintes dados: nos séculos XIII e XIV a entrada para a escola se dava por volta dos 13 anos; no século XVI os jesuítas estabeleceram a idade de 07 anos; no século XVII, nos reinados de Luís XIII e Luís XIV, a iniciação na escola dava-se aos 05 anos, respectivamente; no século XVIII, com as mudanças de atitudes decorrentes da filosofia de Rousseau e Diderot, o ensino era levado a todos e na base da diversidade; no século XIX e XX, as ideias de Montessori,

Froebel, Mendel e outros reforçam a necessidade de a escola estar aberta á vida, ao mesmo tempo que devia ser obrigatório para todos e não só para os filhos dos favorecidos ou privilegiados.

De acordo com Jardim op.cit (p.18) “a escola foi impondo exigências ao tempo em que foi se abrindo a um maior número de crianças, o que possibilitou não só o aumento das taxas de escolarização, mas também dos processos de inadaptação”. E acrescenta ainda que “os métodos utilizados podem ser eficazes para a maioria das crianças mais também podem segregar outras”.

Segundo Drouet (2002, p.87) os pedagogos e os educadores foram os primeiros a se preocuparem com os problemas apresentados por crianças com dificuldades de aprendizagem e aponta as colaborações dos seguintes educadores do século XIX: Itard - Realizou estudos sobre percepções e retardo mental; Pereire – Preocupou-se com a educação dos sentidos, principalmente a visão e o tato; Pestalozzi – Com base nas ideias de educação natural de Rousseau e na filantropia, características de sua época fundou em Yverdun, na Suíça, um centro de educação que abrigava crianças pobres de todas as idades, usava-se o método intuitivo e natural e estimulavam-se principalmente as percepções; Seguin – Fundou na França a primeira escola de reeducação e publicou um livro sobre o tratamento das crianças abandonadas e dos idiotas e criou um método educativo para estes.

Um famoso professor de psicologia, Edouard Claparède, com a colaboração da neurologista Françoise Neville, introduziu no ano de 1898, em Genebra, pela primeira vez na escola pública classes para educação de crianças retardadas – as chamadas classes especiais.

Drouet afirma ainda que:

As primeiras consultas médicas – pedagógicas para estabelecer critérios de admissão e seleção de crianças para formar essas classes especiais iniciaram-se entre 1904 e 1908”. E nos fins do século XIX o educador Seguin e o médico psiquiatra Esquirol formaram a primeira equipe médico – pedagógica. A partir daí, os distúrbios neurológicos que afetam a aprendizagem passou a ser tratada pela neuropsiquiatria infantil, como ciência médica, e continua até hoje em constante desenvolvimento (2002,p.88)

Na mesma época, a médica psiquiatra Maria Montessori criou um método de aprendizagem que ficou conhecido como “Método Montessori”, tal método tem como

objetivo principal a estimulação dos órgãos dos sentidos. Por esse motivo é chamado de método sensorial e é usado até os dias de hoje.

Outro médico psiquiatra, o belga Ovidie Decroly, também se preocupou com a educação infantil, com seu método dos centros de interesse e seu material natural, muito fez pela educação pré-escolar, tal método também é utilizado até hoje.

Dois psicólogos franceses, Alfred Binet e Theodore Simom, em 1905, criaram em Paris a primeira escola de desenvolvimento intelectual: A Escala de Binet – Simom, o qual é um teste de inteligência criado para medir o quociente intelectual (QI) dos alunos. Esse teste, com algumas modificações e acréscimos, é ainda usado em nossos dias (DROUET, 2002. P. 89).

CAPÍTULO II - DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

2.1. Conceitos

Há uma grande complexidade na pesquisa das dificuldades de aprendizagem por existir muita controvérsia quanto ao controle e compreensão de suas causas e consequências. De acordo com Silva (1997. P. 26) “o que pode ocasionar obstáculos ou problemas para a aprendizagem num dado espaço sociocultural, pode não ocasionar em outro”. Logo, a definição de uma criança com dificuldades de aprendizagem exige que vários componentes sejam considerados de forma sistemática.

O *Joint National Committee for Learning Disabilities* (NJCLD) (1981; 1985) define dificuldades de aprendizagem como:

"Dificuldades de Aprendizagem é um termo genérico que se refere a um grupo heterogêneo de desordens manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e uso da audição, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas. Esses transtornos são intrínsecos ao indivíduo e presume-se que devido à disfunção do Sistema Nervoso Central. Apesar de que uma dificuldade de aprendizagem pode ocorrer concomitantemente com outras condições incapacitantes (por exemplo, deficiência sensorial, retardo mental, distúrbio social e emocional) ou influências ambientais (por exemplo, diferenças culturais, instrução insuficiente/inadequada, fatores psicogênicos), não é o resultado direto dessas condições ou influências.” WIKIPÉDIA, 2016.

Assim que a criança nasce, começa a aprender e continua num processo de aprendizagem durante toda a vida. Com poucos dias, aprende a chamar sua mãe com seu choro. No fim do primeiro ano, familiarizaram-se com muitos dos objetos que formam seu novo mundo, adquiriu certo controle sobre suas mãos e pés e, ainda, tornou-se perfeitamente iniciada no processo de aquisição da linguagem falada. Aos cinco ou seis anos, vai para escola, onde, por meio da aprendizagem dirigida, adquire hábitos, as habilidades, as informações, os conhecimentos e as atitudes que a sociedade considera essenciais ao bom cidadão. (GOMES e PEREIRA, 1999, p. 7-8).

No entanto, existem crianças que, por algum motivo, apresentam dificuldades no processo de aprendizagem, não conseguindo assimilar e por em prática aquilo que lhe é ensinado.

As dificuldades de aprendizagem podem ser manifestadas tanto em crianças como em adultos. Partindo do pressuposto de que quanto mais cedo se diagnosticar a dificuldade, melhor será o resultado, ressaltamos a importância de se detectar as dificuldades de aprendizagem já na educação infantil.

Por muito tempo, a criança com dificuldades de aprendizagem, era encaminhada a um especialista e conforme o diagnóstico, esta passava a frequentar classes ou escolas especiais. Dada a crescente preocupação da inclusão dos alunos com alguma necessidade educacional especial no ensino regular é grande a necessidade de que a escola ofereça condições satisfatórias para o desenvolvimento dessas crianças.

O processo de ensino- aprendizagem escolar acontece quando professores e alunos interagem constantemente, quando não há nada que interrompa a ação educativa. No entanto, quando a aprendizagem não acontece é por que algo está prejudicando o processo ensino – aprendizagem. Segundo Drouet (2002, p. 04) “é muito importante que os professores conheçam e saibam identificar esses distúrbios tanto em seus alunos, como em si mesmos, em suas aulas, no ambiente educacional e social escolar, ou ainda no meio social mais amplo em que está inserida a escola”.

Não é difícil encontrarmos alunos com um histórico escolar marcado pelo insucesso, alunos que passam vários anos frequentando a escola e não conseguem aprender, os professores, muitas vezes justificam que “já fizeram de tudo” e o aluno não aprendeu e ainda reforçada pelo diagnóstico dado pelos pais de que seu filho não aprende. Entretanto, por falta de uma ação inclusiva para com esses alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, os mesmos acabam fora do contexto escolar adequado que lhes formem como cidadãos.

De acordo com Jardim (2001, p. 98) “as crianças com dificuldades de aprendizagem, recebendo intervenções pedagógicas adequadas e enriquecidas quando ao processo ensino- aprendizagem, adquirem informação e desbloqueiam suas dificuldades podendo modificar todo o seu potencial dinâmico de aprendizagem”.

Portanto desde a educação infantil já deve ser observado as crianças que apresentam dificuldades em aprender, uma vez que identificado mais cedo tornará mais ágil a intervenção e o tratamento adequado. Quando se fala em dificuldades de aprendizagem, normalmente, faz-se referência a escolarização a partir do 1º ano do Ensino Fundamental, quando algumas crianças passam a apresentar dificuldades nas exigências dessa etapa. No

entanto, se ficarmos presos a tal formalidade, perderemos de vista a riqueza de subsídios que a informalidade da educação infantil pode oferecer para as discussões sobre as dificuldades de aprendizagem (CORSO, 2008, p. 22)

2.2 Tipos de dificuldades

O termo dificuldades de aprendizagem apresenta diferentes linhas de pesquisas que embasam a teoria e prática nessa área de estudo. Este é, portanto, um assunto de difícil conceituação.

Jardim (2001, p.106) apresenta a perspectiva de Queirós (1978) que subdivide e compara as dificuldades de aprendizagem em primárias e secundárias:

Quadro 2.1 – Comparativo entre D. A primárias e secundárias.

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM PRIMÁRIAS	DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM SECUNDÁRIAS
1. Quando não se identifica uma causa orgânica específica	1. Quando resultam de condições, desordens, limitações ou deficiências devidamente diagnosticadas em deficiências visual, auditiva, mental, motora emocional ou privação motora.
2. Compreender perturbações nas aquisições especificamente humanas, Isto é, práxicas simbólicas, como a linguagem falada (receptiva e expressiva), a linguagem escrita (receptiva e expressiva) e a linguagem quantitativa.	2. Compreender perturbações nas aquisições especificamente humanas. As dificuldades de aprendizagem são a consequência secundária de deficiências nervosas, sensoriais, psíquicas ou ambientais.
3. O potencial sensorial, intelectual, motor e social está intacto e é, portanto, normal.	3. O potencial sensorial, intelectual, motor e social é atípico e desviante.
4. Se há perturbações, elas dependem de alterações mínimas, tão mínimas que são detectadas pelos exames médicos (pediátricos, neurológicos, psiquiátricos etc.) tradicionalmente mais utilizados, porque são insuficientes para identificar distúrbios simbólicos e problemas no processo de informação intra e interneuro sensorial.	4. Se há perturbações, elas dependem secundariamente de deficiências sensoriais neurológicas, psíquicas ou envolvimentais (ou ambientais, como por exemplo, privação cultural, desvantagem sócio econômica, fatores ecológicos, má nutrição, envolvimento afetivo, facilidades de estimulação precoce, expectativas etc).
5. As aquisições da linguagem falada, da linguagem escrita, da linguagem quantitativa estão	5. As aquisições da linguagem falada, da linguagem escrita, da linguagem quantitativa estão

primariamente perturbadas.	secundariamente perturbadas.
----------------------------	------------------------------

Fonte: Fonseca, (1995, p.199), apud Jardim (2001, p.107).

Segundo Jardim (2001, p.108) “as dificuldades primárias não estão relacionadas com fatores médicos e exige um diagnóstico mais aprofundado, já as secundárias estão mais relacionadas com fatores médicos, sendo as causas bem mais conhecidas.”

A wikipédia 2016 aponta que as dificuldades de aprendizagem envolvem muitas áreas de percepção entre as quais:

- Discriminação visual auditiva.
 - Percepção das diferenças em ambas as vistas ou ouvidos.
- Impedimento visual ou auditivo.
 - Preenchimento de peças de imagens ou sons.
- Discriminação figura-fundo visual ou auditiva.
 - focalização de um objeto, ignorando os seus antecedentes.
- Memória visual ou auditiva, nem a curto nem em longo prazo.
- Sequenciamento visual ou auditivo.
 - Colocação do que é visto ou ouvido na ordem certa.
- Associação e compreensão auditiva.
 - Relacionamento do que é ouvido a outras coisas, incluindo definições de palavras e significados de sentenças.
- Percepção espacial.
 - Lateralidade (acima e abaixo, entre dentro e fora) e posicionamento no espaço.
- Percepção temporal.
 - Intervalos de tempo de processamento de ordem de milissegundos fundamental para o desenvolvimento da fala de transformação.
- Incapacidade de aprendizado Não verbal (“nonverbal Learning Disability”).
- Processamento de sinais não verbais em interações sociais. (WIKIPÉDIA, 2016).

2.3. Causas e características

São vários os estudos realizados com o intuito de melhor compreender os fatores que prejudicam a aprendizagem. Pois, trata-se de um assunto complexo, que envolvem diversas áreas de conhecimento.

Drouet (2002, p. 97-98) apresenta as principais causas das dificuldades de aprendizagem e de ajustamento escolar como sendo:

Causas físicas – Representadas pelas perturbações somáticas transitórias ou permanentes. São provenientes de qualquer perturbação do estado físico da criança, como por exemplo: febre, dor de cabeça, dor de ouvido, cólicas intestinais, anemia, asma, verminoses e todos os males que atinjam o físico de uma pessoa, levando-a a um estado anormal de saúde.

Causas neurológicas – São as perturbações do sistema nervoso, tanto do cérebro, como do cerebelo, da medula e dos nervos. Qualquer distúrbio em uma dessas partes se constituirá em um problema de maior ou menor grau, de acordo com a área lesada.

Causas sensoriais – São todos os distúrbios que atingem os órgãos dos sentidos. Qualquer problema que afetem os órgãos responsáveis pela visão, audição, gustação, olfato, tato, equilíbrio, reflexo postural, ou os respectivos sistemas de conduções entre esses órgãos e o sistema nervoso, causará problemas no modo de a pessoa captar as mensagens do mundo exterior, e, portanto, dificuldade para ela compreender o que se passa ao seu redor.

Causas emocionais – São distúrbios psicológicos, ligados as emoções e aos sentimentos dos indivíduos e à sua personalidade. Esses problemas geralmente não aparecem sozinhos, eles estão associados a problemas de outras áreas, como por exemplo, a motora, a sensorial etc.

Causas intelectuais ou cognitivas – São aquelas que dizem respeito à inteligência, isto é, a capacidade do indivíduo de conhecer e compreender o mundo em que vive, de raciocinar sobre os seres animados e inanimados que o cercam e de estabelecer relações sobre eles.

Causas educacionais – O tipo de educação que a pessoa recebe na infância irá condicionar distúrbios de origem educacional que o prejudicarão na adolescência e na idade adulta, tanto no estudo quanto no trabalho.

Causas socioeconômicas – Não são distúrbios que se revelam no aluno. São problemas que se originam no meio social e econômico do indivíduo.

Jardim (2001, p.108 a 111) classifica as dificuldades da seguinte forma:

Quadro 2.2- Principais Dificuldades de Aprendizagem

1. Disfunções cerebrais:

Da linguagem falada	<ul style="list-style-type: none"> • Disnomia: dificuldade de lembrar palavras ou designar objetos e lugares; • Disfasia: distorção ou omissão de palavras, utilização incorreta dos tempos dos verbos e outras imprecisões gramaticais; • Dislalia: dificuldade de articular palavras ou atrasos da fala; • Dislogia: perturbação da ação verbal por defeito da inteligência; ocasiona parada súbita no meio da frase; • Disartia: alteração da linguagem devida a defeitos articulatorios ou problemas neurológicos; • Deficiência mental: situação estável e não progressiva de uma insuficiência ou inadequação intelectual que se origina durante o período de desenvolvimento e impede o ajustamento social independente; • Disfonia: alterações da voz e da palavra.
Da linguagem escrita	<ul style="list-style-type: none"> • Dislexia: dificuldade patológica de ler e compreender palavras; • Disgrafia: dificuldade de escrever palavras; • Disortografia: dificuldade ou incapacidade de transcrever corretamente a linguagem oral, havendo trocas ortográficas e confusões de letras.
Da linguagem quantitativa	<ul style="list-style-type: none"> • Discalculia: dificuldade em aprender aritmética.
2. Problemas perceptivos:	

Do processo auditivo	<ul style="list-style-type: none"> • Discriminação; • Síntese; • Memória de curto prazo; • Auditorização.
Do processo visual	<ul style="list-style-type: none"> • Discriminação; • Figura-fundo; • Complemento; • Constância da forma; • Posição e relação espacial; • Visualização.
3. Problemas psic motores	
<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldades posturais; • Problemas de lateralidade; • Imagem do corpo; • Estruturação espaço-temporal; • Praxia global; • Praxia fina; ou visuomotricidade; distralidade. 	
4. Afecções biológicas:	
Dos sistemas sensoriais	<ul style="list-style-type: none"> • Deficiência auditiva: audição prejudicada por doenças, não se ouve direito, provocando dispersão da atenção; hipoacclisia; • Deficiência visual: dificuldade em enxergar o que se escreve a determinada distância; amblopia.
5. Problemas do comportamento:	
<ul style="list-style-type: none"> • Hiperatividade; • Imaturidade sociemocional; • Distrabilidade; 	

<ul style="list-style-type: none"> • Impulsividade; • Hostilidade; • Dependência; • Neuroses; • Psicoses
6. Fatores ecológicos e socioeconômicos
<ul style="list-style-type: none"> • Envolvimento afetivo; • Desnutrição; • Privação cultural; • Dispedagogia;

∴

Dessas causas, as mais comuns, e de maior frequência no campo da educação são a dislexia, a disortografia e a discalculia.

2.4. Dificuldade de aprendizagem ou normalidade?

É de extrema importância que possamos diferenciar as dificuldades de aprendizagem dos problemas de momentos vividos pelas crianças. Pois, cada indivíduo tem um ritmo próprio de aprendizagem e essas diferenças levam alguns a serem mais rápidos e outros mais lentos.

Gomes e Pereira (1999, p.111-112) acreditam que na intenção de identificar alguns fatores relacionados aos conceitos de normalidade e de Patologia, geradores de tais perplexidades, vale destacar:

- A multiplicidade de fatores que atua no desempenho escolar (físicos, psicológicos, institucionais e sociais), e a impossibilidade de aprofundamento em cada um especificamente. Parece impossível estabelecer critérios de normalidade e de patológica para tais fatores, sejam eles considerados simultaneamente ou, sobretudo no seu conjunto;
- As diferentes concepções teóricas sobre normalidade e patologia existentes na escola e na família e as diferenças entre as concepções explícitas das referidas instituições sociais. Em geral, são as concepções implícitas as que exercem maior influência;

- A variação do próprio conceito de normalidade e patologia em diferentes fases do desenvolvimento do indivíduo: Um mesmo sintoma pode ser considerado “normal” em uma determinada faixa etária e “patológico” em outra;
- A variação do conceito de normalidade – patologia em decorrência dos avanços científicos nas diferentes áreas do comportamento humano. Na educação, particularmente nas ideias de Emília Ferrero sobre psicogênese da língua escrita produziram profundas alterações nessa questão:
- A crença de que, na verdade, o desenvolvimento harmonioso da aprendizagem representa um ideal, uma norma utópica, mais do que uma realidade.

Portanto, a aprendizagem é um processo individual, tem fundo genético e depende de vários fatores, tais como: do estágio de maturação de seu sistema nervoso; dos esquemas de ação inatos do indivíduo; do seu tipo psicológico constitucional (introvertido ou extrovertido); de seu grau de envolvimento; seu esforço e interesse; do ambiente físico em sua volta etc. (ANDRADE, 2008, p. 09).

O diagnóstico de uma criança com dificuldades de aprendizagem exige que tenhamos conhecimento de como ocorre o processo de desenvolvimento humano, bem como a influência do meio no seu desenvolvimento. Tal diagnóstico deve ser feito por uma equipe multidisciplinar, que tenha conhecimento das características do desenvolvimento referente à faixa etária da criança, que sejam sabedores de como ocorre o processo evolutivo normal para assim, não correremos o risco de classificarmos como patologia, uma dificuldade surgida por situações ocasionais que possam interferir negativamente na aprendizagem.

Cabe aos profissionais envolvidos nos estudos das crianças com dificuldades de aprendizagem identificar “como estes fatores externos, relativos ao nível sócio econômico, a escola e aos professores, são assimilados pelo psiquismo da criança gerando determinadas características ou condições internas que vão fornecer ou prejudicar o desempenho” (ASSIS, 1985, p.10 apud. GOMES e PERREIRA, 1999, p.111).

De acordo com Corso (2008, p. 23) “em primeiro lugar, para evidenciarmos se há de fato uma dificuldade de aprendizagem ou um atraso no desenvolvimento, é fundamental que possamos construir um conhecimento profundo sobre os processos de aprendizagem e desenvolvimento infantil e saber quais são as características do desenvolvimento referentes à faixa etária da criança: nível de pensamento, linguagem, uso de corpo, trocas sociais, expressão gráfica”. Se não tivermos tais conhecimentos correremos o risco de rotular o aluno, confundindo o processo evolutivo normal como sendo problema ou falha. A autora

supracitada afirma ainda que “em segundo lugar, é preciso conhecer as individualidades de cada criança. De que forma se expressa? Do que brinca? Quais as suas particularidades? Em que áreas se destacam? O que ainda não consegue fazer? Qual o momento da vida em que se encontra?”.

Logo, o diagnóstico de uma criança com dificuldades de aprendizagem requer um conhecimento do processo de aprendizagem humana e é preciso considerar as realidades interna e externa, procurando compreender de forma integrada os processos cognitivos, emocionais, orgânicos, familiares, sociais e pedagógicos que interferem no processo de aprendizagem.

2.5. Identificação e prevenção

A criança que possui um comportamento anormal na sala de aula pode ser um indício de que algo não vai bem na sua aprendizagem. “Dizemos que a criança tem um distúrbio de comportamento quando ela apresenta desvios da expectativa de comportamento do grupo etário a que pertence” (DROUET, 2002, p.94).

Segundo o autor supracitado (p.25) o professor precisa observar as crianças “diferentes”, procurando:

- Obter o maior número de dados possíveis a seu respeito;
- Estabelecer as causas desse modo diferente de agir;
- Fazer um diagnóstico e um prognóstico da evolução desses comportamentos perturbados ou de sua incapacidade de aprender;
- Tentar controlá-los ou mesmo alterá-los, preveni-los e ainda se possível remediá-los.

É o educador, que está lidando diretamente em sala de aula que tem melhores condições de perceber os alunos com dificuldades de aprendizagem. Sabe-se perfeitamente que o professor não é o indicado para dar o diagnóstico, ele caminha junto a outros profissionais tais como: psicólogo, neurologista, psiquiatra, fonoaudiólogo, etc. No entanto, “é necessário que o professor saiba detectar o potencial do educando, explorando-o ao máximo, a fim de atender as suas necessidades e respeitar suas limitações” (SILVA, 1997, p.28).

De acordo com Jadim (2001, p.115) entre os principais comportamentos atípicos apresentados por crianças com dificuldades de aprendizagem MC CARTHY, 1974, listou as que ocorrem com maior frequência:

- Hiperatividade;
- Problemas psicomotores;
- Instabilidade emocional;
- Problemas gerais de orientação;
- Desordens de atenção;
- Impulsividade
- Desordens na memória e no raciocínio;
- Dificuldades específicas de aprendizagem: dislexia, disortografia e discalculia;
- Problemas de audição e de fala;
- Sinais neurológicos ligeiros e equívocos;
- Irregularidades no EEG – eletroencefalograma.

Segundo Andrade (2008, p.15) os distúrbios que afetam diretamente a aprendizagem escolar, ou seja, a leitura, escrita, cálculo, conhecimentos gerais, fala e motricidade são:

- **Disfunção cerebral mínima genética ou congênita**: mau funcionamento do cérebro, devido a fatores hereditários ou a malformação do embrião durante a vida intrauterina, a traumas sofridos pelo feto na hora do parto ou ainda problemas adquiridos pelo indivíduo logo ao nascer. É caracterizado por distúrbios neurológicos; distúrbios da inteligência; problemas de comportamento e problemas escolares.

Outras dificuldades associadas à Disfunção Cerebral Mínima são a disgrafia - é a dificuldade nas utilizações dos símbolos gráficos para exprimir ideias. Caracteriza-se pelo trocado irregular das letras e pela má distribuição das palavras no papel, a disortografia – que é a capacidade de apresentar uma escrita correta, com o uso adequado dos símbolos gráficos. Junta palavras, troca sílabas e omite sílabas ou palavras e a discalculia - é o termo usado para indicar dificuldade em matemática. O aluno pode automatizar os aspectos operatórios (as quatro operações, contas, tabuadas), mas encontra dificuldades em aplicá-las em problemas.

- **Dislexia**: “entendemos por dislexia de evolução um conjunto de sintomas reveladores de uma disfunção parietal (o lobo do cérebro onde fica o centro nervoso da escrita), geralmente hereditária, ou às vezes adquirida, que afeta a aprendizagem da leitura num contínuo que se entende do leve sintoma ao sintoma grave. A dislexia afeta os meninos em uma proporção maior do que as meninas” (M. CONDEMARIN e M. BLOMQUIST, Dislexia, manual de leitura corretiva, p.21).

Alguns erros de leitura e escrita encontrados na dislexia são:

- Confusão das letras, sílabas de palavras com grafia semelhante, porém com orientação espacial diferente: b/d, p/b, b/q etc.
- Confusão de letras que possuem sons parecidos: b/d, p/q, d/t, m/b etc.
- Inversão parcial ou total de sílabas ou palavras: me/em, sol/lós, sons/mos etc.
- Adição ou omissão de sons, sílabas ou palavras: casa/casaco, neca/boneca etc.
- Repetição de sílabas, palavras ou frases: mamacado, paipai etc.
- Escrita em espelho (em sentido inverso ao normal) etc.

- **Distúrbios da motricidade**: na psicomotricidade há a ligação do movimento com o pensamento.

Os transtornos psicomotores compreendem as funções psíquicas e neurológicas, além de um atraso na maturação do sistema nervoso central. Sua principal característica é a falta de coordenação entre o que o indivíduo pretende fazer e a ação propriamente dita, o que dificulta a capacidade de expressar-se através do corpo. Isso provoca distúrbios afetivos e também problemas de aprendizagem:

- Atrasos de maturação;
- Hiperatividade;
- Esquema corporal;
- Percepção visual;
- Orientação e estruturação do espaço e do tempo;
- Organização temporal.

- **Hiperatividade**: é uma perturbação psicomotora em que, as crianças têm um descontrole maior acentuado, movimentos bruscos e inadequado, mudanças frequentes de humor e instabilidade afetiva, além de falta ou pouca concentração em atividades que exijam atenção.

- **Distúrbios da fala**: a fase da aquisição da linguagem vai de mais ou menos 10 meses até mais ou menos 05 anos de idade quando terá adquirido todos os fonemas da fala.

A criança começará adquirindo os sons do P, M, T, B, D etc., em palavras como: papai, mamãe, tatu, bola e outros. Por último, ela adquire os sons do R, LH, L etc., em palavras como: barata, palhaço, lata e outras.

Uma criança que está sendo alfabetizada, apresenta um distúrbio qualquer na fala poderá transferi-lo para a escrita. A gagueira é um dos mais transtornos da fala, podendo ser um sinal de rivalidade entre os dois hemisférios cerebrais, que lutam pela dominância da

lateralidade ou ainda, manifestar-se em crianças sensíveis e emotivas que, quando submetidas a pressões, desestabilizam emocionalmente.

- Distúrbios emocionais: a angústia e a depressão podem aparecer desde a infância, como também a sensação de insegurança. Os pais muito severos, exigentes ou muito ansiosos podem originar na criança medo do professor, fobia da escola. A escola por ser um ambiente de disciplina, de estudo obrigatório, de regras e ordens, pode ter uma influência negativa na criança.

Logo, quando surgem situações que a criança apresenta atitudes e comportamentos que já não deveriam aparecer com tanta frequência, o professor deve dar uma maior atenção, pois isso pode ser indício de que algo não vai bem. “É preciso ficarmos atentos em relação aquelas crianças que constantemente evidenciam conduta ante-social, dificuldades para estabelecer vínculos, capacidade para brincar desfocada, desabilidade no desenho, recorte e pintura, torpeza motora, dificuldade de articulação das palavras, fala muito infantilizada. Condutas dessa ordem, quando já deveriam ter sido superados pela criança, além de limitarem a capacidade para aprender, podem ser reveladoras de patologias que necessitam ser diagnosticadas”. (CORSO, 2008, p.24).

Mas do que identificar uma criança com dificuldades de aprendizagem, a educação infantil precisa prevenir para que tais dificuldades não aconteçam. É necessário que todos aqueles envolvidos com a criança (pais, professores, escola) possam oferecer-lhe oportunidades adequadas para o seu bom desenvolvimento e aprendizagem. Segundo a professora Corso (op.cit) isso acontece “garantindo uma educação infantil de qualidade, uma educação que ofereça as crianças acolhimento, segurança, lugar para emoção, para a curiosidade e investigação, lugar para o faz de conta e para o brinquedo, para o desenvolvimento da sensibilidade e das diversas formas de expressão, para o desenvolvimento das habilidades sociais, o conhecimento e o domínio do corpo”.

É na fase da educação infantil que as crianças têm oportunidades de desenvolver hábitos e atitudes que lhes acompanharão para o resto de suas vidas, sejam elas positivas ou negativas, dependendo do modo como a situação foi vivenciada pela criança. Portanto, desde a educação infantil a criança precisa participar de situações que atendam suas necessidades e interesses levando em consideração suas possibilidades de acordo com o momento em que vive. “Algumas vezes, na ânsia de preparação para a educação formal, a prática pedagógica da educação infantil acaba antecipando situações de aprendizagem que teriam lugar no ensino formal e, por consequência sobrecarregando emocionalmente as crianças com expectativas e

exigências elevadas, com bloqueio de suas reais possibilidades” (CORSO, op.cit, p.24). A autora afirma ainda que “o enfoque preventivo de dificuldades de aprendizagem na educação infantil remete-nos a duas outras questões a serem abordadas: uma se refere ao papel do professor, juntamente com sua formação, e a outra ao trabalho conjunto escola-família”.

Sabemos que existem alunos das séries escolares avançadas que apresentam dificuldades de aprendizagem, as quais muitas vezes estão relacionadas as primeiras experiências vividas pela criança na educação infantil. “A evasão, a repetência e vários outros problemas escolares estão relacionados sempre com algum tipo de dificuldade de aprendizagem, e é verdadeiro afirmar que resolvendo o problema das dificuldades de aprendizagem poderemos também resolver vários problemas sociais, como por exemplo, a marginalidade, os meninos de rua, entre tantos outros advindos dos mais cuidados com a educação e as dificuldades de aprendizagem” (JARDIM, 2001, p.174).

De acordo com Gomes e Pereira (1999, p.110). “No momento atual, à luz de pesquisas psicopedagógicas que vem se desenvolvendo, inclusive em nosso meio, e de contribuições da área de psicologia, sociologia, antropologia, linguística, neuropsicolinguística, epistemologia, o campo da psicopedagogia passa por uma reformulação. De uma perspectiva puramente clínica e individual busca-se uma compreensão mais integradora ao fenômeno da aprendizagem e uma atuação de natureza mais preventiva”.

Para melhor identificar crianças com dificuldades de aprendizagem apresentamos no anexo 1 uma Ficha de Identificação Precoce de Dificuldades de Aprendizagem para a educação infantil, proposto por Fonseca(1995, apud. Jardim, 2001, p.197).

2.6. O Papel do Professor, da Escola e da Família

Para que haja uma educação infantil de qualidade é necessário que os professores tenham uma boa formação, uma vez que nessa fase, eles têm grande responsabilidade de estarem participando desse desenvolvimento da personalidade das crianças. Portanto, é de suma importância que os professores “tenham uma formação inicial sólida e que possam dar continuidade a essa formação, sendo assistidos na instituição em que trabalham por um bom programa de formação continuada, que lhe forneçam dispositivos de acompanhamento e reflexão do seu fazer pedagógico” (NÒVOA, 2003, apud, CORSO 2008, p.25).

O professor deve estar atento as diferentes situações apresentadas pelos alunos, estando preparado para compreendê-las e contextualizá-las. Andrade (2008, p.05) apresenta algumas habilidades do educador que estimula a aprendizagem:

- Elogiar tudo que for elogiável. O elogio leva o aluno à autorrealização, à autoafirmação;
- Falar pouco, mas ouvir muito;
- Atender a medida do possível a cada aluno individualmente;
- Estimular o aluno pelo trabalho que está sendo realizado;
- Estar sempre atentos a todos os alunos;
- Criar um clima dialogal em sala de aula para o aluno discutir e apresentar opiniões;
- Incentivar o aluno na construção e produção do conhecimento;
- Saber usar a criatividade;
- Ter prestígio entre os alunos, estes só imitam e respeitam a quem admiram;
- Possibilitar ao aluno o uso de diferentes fontes de consultas;
- Usar sempre uma linguagem clara;
- Saber aproveitar as perguntas e respostas dos alunos;
- Ter alegria, entusiasmo, ser coerente, ser dinâmico, ser otimista, ser amigo, ser justo;
- Conhecer as necessidades e interesses dos alunos e acreditar em suas possibilidades;
- Exercer uma influência benéfica em sala de aula como um todo, e, em cada aluno em particular;
- Acreditar que a educação é vida em todas as suas manifestações;
- Realizar atividades dinâmicas em sala de aula;
- Saber organizar e desenvolver as atividades em sala de aula;
- Utilizar um vocabulário correto;
- Valorizar o diálogo;
- Saber movimentar o espaço físico em sala de aula;
- Usar bem os recursos de ensino;
- Ensinar formulando perguntas;
- Ouvir as experiências dos alunos e articular com novos conhecimentos;
- Explorar com segurança os conteúdos;
- Dar um significado aos conteúdos trabalhados;
- Conhecer o processo de avaliação, levando em consideração as especificidades individuais;
- Valorizar o erro do aluno como uma forma de buscar o acerto;
- Acreditar sempre que o aluno é capaz;

- Desenvolver a capacidade de autonomia e decisão, valores importantes na sociedade atual;
- Desenvolver o espírito de investigação, possibilitando uma postura crítica e atuante diante do mundo;
- Desenvolver as habilidades necessárias à atividade educativa;
- Promover o exercício da cidadania;
- Adotar atitudes de respeito mútuo, dignidade, cooperação e solidariedade;
- Ser alegre, comunicativo e possuir equilíbrio emocional;
- Estimular o aluno a solucionar problemas, ajudando-o a pensar, raciocinar através de questionamentos;
- Modificar, caso seja necessário, a conduta anterior do aluno;
- Ser justo, imparcial, amigo e confiante nas potencialidades do aluno;
- Enriquecer a personalidade dos alunos com novos recursos de pensamento, de ação e de convívio social, abrindo-lhe novas perspectivas de cultura e de vida em sociedade;
- Desenvolver o pensamento crítico do aluno, estimulando-o a pensar, falar, construir e expor suas ideias;
- Esclarecer e estimular os alunos nas suas dificuldades;
- Preparar o ambiente, animar e criar oportunidades para o aluno pensar e produzir;
- Ouvir, se interessar pelos problemas do seu aluno etc.

Alguns professores podem utilizar-se de métodos e técnicas de ensino que não correspondem as necessidades dos alunos, tais como: método difícil, aula monótona, desatenção aos interesses das crianças, falta de exercícios para desenvolver as habilidades necessárias a alfabetização, métodos que não atendem as diferenças individuais, falta de conhecimento e habilidades específicas para alfabetizar, dificuldade em manter a disciplina da classe etc. portanto, quando isto ocorre pode interferir na aprendizagem dos alunos. Cabe ressaltar que as agências formadoras precisam preparar melhor os professores, pois o processo de inclusão educacional exige mudanças de concepção e de práticas construídas ao longo do tempo. “São poucas as experiências onde se desenvolvem os recursos docentes e técnicos e o apoio específico necessário para adequar as instituições escolares e procedimentos pedagógicos didáticos as novas condições de inclusão” (JERUSALINSKY e PAES, 2001, p.35).

Alguns fatores são muito importantes para o bom desempenho do professor. Andrade (2008, p.35) destaca os seguintes:

- Interação professor aluno – é muito importante o entrosamento entre ambos. Este intercâmbio favorece a ação pedagógica.
- Programas de ensino – é através dos programas que o professor consegue transmitir a seus alunos os conhecimentos relativos a disciplina: conteúdos interessantes, assuntos que despertem a curiosidade dos alunos e lhes deem motivação suficiente para estudar.
- Método – outro fator importante para que os objetivos disciplinares sejam alcançados.
- Capacidade didática – a facilidade em transmitir os conteúdos é importante para o processo de aprendizagem do aluno.
- Noções sobre psicologia do desenvolvimento – é necessário identificar os estágios de desenvolvimento mental da criança, para organizar conteúdos e atividades, coerentes com os níveis de aprendizagem dos alunos.
- Conhecimento das técnicas de avaliação – é necessário observar: comportamento em sala de aula e fora dela; seu estado físico e emocional; participação nas atividades educativas; capacidades de atenção e compreensão etc.

Portanto, a necessidade de se prevenir as dificuldades de aprendizagem na criança exige que o professor tenha uma observação sistemática de seus alunos. “Requer que ele desenvolva um olhar e uma escuta cuidadosa em relação ao modo de como as crianças brincam e interagem com os colegas, como resolvem seus conflitos, como expressam os mais diversos sentimentos e como se relacionam com o conhecimento” (CORSO, 2008, p.25).

Vale destacar também a importância da valorização do professor enquanto profissional, pois a satisfação do educador com seu trabalho contribuirá positivamente para um trabalho mais eficiente e conseqüentemente uma melhor aprendizagem por parte dos alunos.

A escola como um todo exerce grande influência na aprendizagem das crianças, podendo contribuir positivamente ou negativamente. Logo, se a instituição não oferece um atendimento adequado às crianças, poderá sim, ser a geradora de dificuldades de aprendizagem.

De acordo com Drouet (2002, p.213) “a estrutura física da escola é também um elemento pedagógico relevante. Há inúmeras pesquisas feitas em psicologia a respeito de ambientes adequados para o trabalho, o estudo, o repouso e a saúde. Comprova-se que

dimensões amplas das salas, as cores, o arejamento, a iluminação e a decoração influem psicologicamente nas pessoas”.

Além de oferecer um espaço físico adequado, a escola precisa ter profissionais comprometidos com seu bom funcionamento. Principalmente as escolas de educação infantil onde a criança ingressa em um ambiente novo para ela, onde vai obter novas relações sociais. Drouet (op.cit, p.213) afirma que “desse bom relacionamento inicial vai depender a integração da criança no grupo social escolar e vai também depender sua maior ou menor adaptação do novo tipo de vida, o gostar ou não da escola e, por extensão, o gostar ou não de estudar”.

Outro fator que exerce grande influência no processo de aprendizagem da criança é a família, tais influências podem contribuir tanto para o sucesso quanto para o insucesso escolar.

Em uma mesma sala de aula existe sempre um grupo heterogêneo de pessoas, com características individuais e peculiaridades próprias. “Assim como os alunos são diferentes entre si, eles também provêm de lares diferentes. Seus pais têm pensamentos, atitudes, modos de encarar a vida, a escola e, sobretudo a educação, completamente diversos” (DROUET, op.cit, p.219).

Silva (1997, p.86) aponta algumas situações muito comuns que acontecem nas famílias e que podem afetar a aprendizagem da criança. São elas: superproteção, desajustamento no relacionamento do casal, alcoolismo, surras frequentes na criança, nascimento de irmãozinho, filho único, filho adotivo, desrespeito pelos amigos da criança e trabalho de criança.

Os diferentes objetivos e aspirações das famílias também podem, indiretamente refletir no processo de ensino-aprendizagem.

3.7. Trabalho Conjunto

Tanto a prevenção, quanto o diagnóstico das crianças com dificuldades de aprendizagem exige que não só o professor mais o pessoal da escola em geral, tenham uma boa formação profissional. A organização do espaço físico da escola e o trabalho paralelo com as famílias também são imprescindíveis para prevenir, diagnosticar e intervir nas dificuldades de aprendizagem apresentadas pelas crianças.

De acordo com Corso (op.cit, p.25)

“Devemos evitar que o nosso olhar apenas se fixe na criança que vem apresentando alguma dificuldade, sem avaliarmos todo contexto no qual ela

está inserida. Tal perspectiva sugere que todos aqueles que estão envolvidos com a criança (pais, professores, escola) possam rever e avaliar sua participação na construção das dificuldades de aprendizagem que porventura surjam já na educação infantil”.

CAPÍTULO III - ASPECTOS METODOLÓGICOS

3.1. Tipo de pesquisa

Para o presente trabalho foi realizado um levantamento teórico sobre o assunto, caracterizando assim uma pesquisa bibliográfica.

Segundo Marconi e Lakatos (2001, p. 43 – 44),

A pesquisa bibliográfica ou de fontes secundárias “trata-se do levantamento de toda a bibliografia já publicada em forma de livros, revistas publicações avulsas em imprensa ou escrita, [documentos eletrônicos]. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao cientista o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações.

Quanto aos procedimentos utilizados para a coleta de dados foi de caráter exploratório, já que esta pesquisa visa despertar no âmbito educacional a necessidade de se dá ênfase maior no que diz respeito as dificuldades de aprendizagem na educação infantil e garantir a inclusão desses alunos proporcionando oportunidades e tratamento adequados para que estes consigam progredir nos estudos.

A pesquisa pode ser classificada ainda, como sendo de natureza qualitativa, uma vez que busca analisar um fato, as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos no início de sua vida escolar, onde todos que estão envolvidos na educação dessas crianças precisam intervir para poder prevenir, identificar e tratar as dificuldades de aprendizagem já na educação infantil.

De acordo com Godoy (1995),

A pesquisa qualitativa tem se mostrado uma alternativa bastante interessante enquanto modalidade de pesquisa numa investigação científica. É útil para afirmar conceitos e objetivos a serem alcançados e dar sugestões sobre variáveis a serem estudadas com maior profundidade. Os métodos qualitativos trazem como contribuição ao trabalho de pesquisa, pois apresentam uma mistura de procedimentos de cunho racional e intuitivo capazes de contribuir para melhor compreensão dos fenômenos.

Portanto, pelo fato de não podermos quantificar as possíveis causas das dificuldades de aprendizagens nas crianças, esta pesquisa é de caráter qualitativo.

3.2. Fonte e Procedimentos para Coleta de Dados

Os dados da presente pesquisa foram coletados a partir de uma abordagem teórica sobre o assunto proposto, procurando fundamentar os argumentos acerca do tema a partir de referências publicadas.

A produção desse trabalho surgiu da leitura, análise e discussão de vários teóricos que já trataram sobre dificuldades de aprendizagem. Após a leitura e fichamento das ideias principais dos autores, foi feita a sistematização de dados, seguindo com a escrita da pesquisa, onde foi possível chegar a algumas conclusões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização dessa pesquisa foi possível perceber a complexibilidade do assunto, pois o tema é apresentado com diferentes enfoques.

No entanto, podemos identificar a urgência de se dar uma maior ênfase quanto a prevenção e o diagnóstico no que diz respeito as dificuldades de aprendizagem, principalmente na educação infantil. O papel da escola é fundamental para que haja essa observação desse aluno. Na maioria dos casos é realmente na escola que se descobre que a criança possui algum problema de aprendizagem. No entanto, a dificuldade pode ser percebida pela professora e só diagnosticada por profissionais especializados. Por isso é importante que

o professor tenha conhecimento sobre o desenvolvimento infantil, para identificar o estágio que o aluno se encontra e ter uma noção do que é uma dificuldade momentânea ou alterações devido a algumas dificuldades que podem ter diversas causas como foi destacado no decorrer deste trabalho.

A escola precisa realmente se preocupar em incluir esses alunos que apresentam dificuldades em aprender, pois a mesma deve primar pelo desenvolvimento global do indivíduo. Incluir de maneira efetiva significa proporcionar estratégias que contemplem todos os envolvidos no processo, todo e qualquer aluno, a fim de que todos tenham espaço para o desenvolvimento de suas habilidades, dentro de suas limitações. É preciso entender que inclusão não é apenas acesso à educação, a inclusão acontece quando o aluno está na escola e está conseguindo aprender. Para que essa conscientização consiga realmente surtir efeito no nosso sistema educacional, muita coisa ainda precisa ser feita. As políticas públicas de inclusão, tão falada nos dias atuais, necessitam ser concretizada.

A educação inclusiva exige mudanças de concepções e de práticas pedagógicas construídas ao longo do tempo. As instituições que preparam os professores precisam mudar seus cenários para atender as novas exigências da educação.

Também as escolas necessitam de uma estrutura física adequada e o apoio de uma equipe interdisciplinar para atender as crianças que apresentarem dificuldades em aprender já nos primeiros anos de escolaridade.

Para tanto, o papel dos professores, da escola e da família é essencial na prevenção, na identificação dos sintomas e no auxílio dos tratamentos das crianças com dificuldades de aprendizagem, garantindo assim que estes possam progredir nos estudos e consigam a formação necessária para o exercício de sua cidadania.

A pesquisa foi de grande valia para analisarmos os fatores que influenciam no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças. Logo, tais fatores deixam marcas sejam elas positivas ou negativas. Portanto, as escolas infantis precisam oferecer oportunidades adequadas para o bom desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Vale aqui ressaltar a grande responsabilidade da educação infantil em, mais do que revelar as dificuldades, preveni-las.

A pesquisa mostra, portanto, a necessidade urgente de se dar mais atenção a este tipo de problema enfrentado nas escolas e que os responsáveis pela educação das crianças sejam mais bem preparados, ou seja, as instituições formadoras devem inserir tais conteúdos em seus currículos para que assim a escola possa cumprir sua função e garantir o direito que todos têm de aprender.

REFERÊNCIAS

ANDRADE. Wellingta Magnólia Lacerda Leite de. (org), **Fundamentos Teóricos Metodológicos para Atuação Junto ao Aluno com Dificuldades de Aprendizagem ou Limitações Intelectuais – SEC.** 2008.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: imprensa oficial, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Inclusão: Revista da Educação Especial/** Secretaria de Educação Especial. V.1, nº1 – Brasília, out. 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** LDB 9394, de 20 de Dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação – **Revista Pátio – Educação Infantil.** Ano VI – Nº16. Mar/Jun – 2008.

CELESTINO. Joseilma Ramalho (org). **Teoria do Desenvolvimento e da Aprendizagem,** SEC. 2008.

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM. Disponível em: [HTTP://pt.wikipedia.org/wiki/dificuldades de aprendizagem](http://pt.wikipedia.org/wiki/dificuldades_de_aprendizagem) acesso em: 13 maio. 2010.

DROUET. Ruth Caribé da Rocha. **Distúrbios da Aprendizagem.** Editora Àtica. 4ª Ed. São Paulo, 2002.

FREIRE. Paulo. **Professor sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar.** 2.ed, São Paulo: Olho D'água, 1997.

FONSECA. Victor da. **Introdução às Dificuldades de Aprendizagem,** 2ª Ed. Artes Médicas, 1995. In Jardim.

GOMES. Adriana Leite Lima verde (org). PEREIRA, Maria Goretti Lopes Pereira (org). **Psicologia da Aprendizagem** – Universidade Vale do Acaraú – UVA. Curso de Pedagogia em Regime Especial – v.6 – Fortaleza – Ceará, 1999.

GOGOY, Arilda S. **Introdução á Pesquisa Qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas. V.35, n°2, Mar/Abri. 1995.

JARDIM, Wagner Rogério de Souza. **Dificuldades de Aprendizagem**. Editora Àtica. 4ª Ed. São Paulo, 2002.

JERUSALINSKY, A. & PÁEZ, Caniza de, SM. **Carta Aberta aos Pais Acerca da Escolarização de Crianças com Problemas de Desenvolvimento**. In: Escritos da Criança, n°06, Porto Alegre: Centro Lydia Coriat, 2001. In: BRASIL. Ministério da Educação – Documento Subsidiário á Política de Inclusão; Secretaria de Educação Especial – Brasília: 2005.

MARCONI, M de A; LAKATOS, E. M. **Metodologia do Trabalho Científico**. 5ª Ed. Rev. Ampl. Atlas – São Paulo. 2001.

MEIRELES, Cecília. **Crônicas de Educação – Obra em prosa**. Ria de Janeiro. Nova Fronteira, 2001.

NÓVOA, A. **Entrevista Cedida a Pátio**: Revista Pedagógica. Pátio: Porto Alegre, ano VII, n°24, Agos/Out. 2003.

SILVA, Maria Cecília da. **Aprendizagens e Problemas**. Editora ícones, São Paulo, 1997.

SILVEIRA, Selene Maria Penaforte (org) DOURADO, Sandra Mara Nunes. **Psicologia da Educação: Infância e Adolescência** – Universidade Vale do Acaraú – UVA – Curso de Pedagogia em Regime Especial – V.2 – Fortaleza, Ceará, 1999.

ANEXOS

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO PRECOCE DE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM PARA EDUCAÇÃO INFANTIL

Nome:.....Data de Nascimento:/...../.....

Fase de Aprendizagem:..... Data da Observação:...../...../.....

Observações Pedagógicas Complementares:.....

Idade: anos meses

1 – FATORES VISUOMOTORES E PSICOMOTORES

- | | |
|--|---------|
| 1.1 – Amarra o cordão dos sapatos | Sim Não |
| 1.2 – Veste-se rapidamente | Sim Não |
| 1.3 – Consegue fazer riscos entre duas linhas | Sim Não |
| 1.4 – Consegue colorir figuras simples | Sim Não |
| 1.5 – Consegue apanhar e atirar bola | Sim Não |
| 1.6 – Consegue deslocar-se ao “pé-coxinho” | Sim Não |
| 1.7 – Reconhece as partes fundamentais do corpo
(cabeça, tronco, braços, mãos, pernas, pés, etc.) | Sim Não |

2 – FATORES DE COMPORTAMENTO ESCOLAR

- | | |
|---|---------|
| 2.1 - Escreve o nome em letras maiúscula ou em minúsculas | Sim Não |
| 2.2 – Consegue identificar as letras do seu nome | Sim Não |
| 2.3 – Consegue identificar a maioria das letras do alfabeto | Sim Não |
| 2.4 – Consegue identificar os números de 0 a 9 | Sim Não |
| 2.5 – Reconhece a maioria das cores
(vermelho, amarelo, azul, verde, laranja, e lilás) | Sim Não |
| 2.6 – Reconhece a preposições (em cima, embaixo, ao lado, à frente, atrás e entre) | Sim Não |
| 2.7 – Sabe a morada | Sim Não |
| 2.8 – Reconhece sua mão esquerda e sua mão direita | Sim Não |
| 2.9 - Reconhece e desenha figuras geométricas simples | Sim Não |

3. FATORES DE COMPORTAMENTO SOCIAL

- | | |
|--|---------|
| 3.1 – Consegue fazer simples recados | Sim Não |
| 3.2 – Consegue seguir pequenas e simples orientações | Sim Não |
| 3.3. Trabalha independentemente em tarefas simples | Sim Não |
| 3.4 – Tem boa relação com crianças da sua idade | Sim Não |
| 3.5. tem boa relação com o adulto | Sim Não |

Total: Sim

Não